



Pedagogia feminista: o que é, quem pratica?

Laryssa da Costa e Silva (IC); Lúcia Gonçalves de Freitas (PQ)*

*luciadefreitas@hotmail.com

UEG-Jaraguá, Av. Diva de Freitas, s/n. Jaraguá-GO. 76330-000

Inserir aqui o(s) endereço(s) da(s) instituição (ões) (Fonte: Arial, 10).

Resumo: A pesquisa da qual resulta este artigo foi realizada durante o trabalho de Iniciação Científica (IC), apoiado pelo edital CCB 01/2017. A proposta se vinculou ao projeto “Linguagem, gênero e direito: diálogos interdisciplinares”, coordenado pela Professora Lúcia Freitas, que orientou o estudo aqui relatado. Este texto apresenta o resultado sucinto de um levantamento bibliográfico sobre o que venha a ser Pedagogia Feminista. Buscamos conceituar o tema, encontrar suas origens, sua história e seus objetivos, além de identificar algumas instituições que desenvolvem uma pedagogia feminista e descrever brevemente seu trabalho.

Palavras-chave: Pesquisa. Pedagogia Feminista. Conhecimento. Metodologia. Educação.

Introdução

Este artigo apresenta o resultado da pesquisa de Iniciação científica realizada no âmbito do Curso de Pedagogia da UEG-Jaraguá e no Grupo de Estudos de Jaraguá, cujo título era “Pedagogia Feminista” e que esteve ligada ao projeto “Linguagem, Gênero e Direito: diálogos interdisciplinares”, coordenado pela professora Dr. Lúcia Freitas. O desejo de pesquisar o tema adveio da crítica sobre a educação que nos é ofertada que, segundo muitos autores (LOURO, 2003; SILVA, 2005) tem por característica práticas que reforçam o sexismo, privilegiam o sexo masculino e oprimem o sexo feminino. A partir dessa perspectiva, fomos desenvolver estudos que nos dessem fundamentos sobre outra perspectiva pedagógica, que agisse justamente sobre esses aspectos citados.

Existem várias pedagogias, mas nem todas são libertadoras, porém a chamada Pedagogia Feminista além de libertadora, transformadora, tem o intuito de conscientizar homens e mulheres do sistema patriarcal que rege toda a nossa



sociedade e causa desigualdades. Entendo que é preciso se trabalhar uma nova pedagogia nas escolas, algo que possa atuar sobre desigualdade na nossa sociedade. e a solução é a pedagogia feminista. Assim, decidimos aprofundar conhecimentos sobre essa e suas promessas de libertação.

Para isso, durante a pesquisa, fizemos um levantamento bibliográfico partir de livros, artigos científicos e sites. Nosso direcionamento foi: conceituar o termo Pedagogia Feminista, fazer uma breve reconstituição histórica, conhecer autoras e autores que se afiliam à área e, por fim, elencar algumas iniciativas já em vigor há algum tempo que se baseiam na perspectiva de educação feminista. No próximo tópico, dispomos sucintamente o levantamento teórico, para no tópico seguinte, elencarmos as iniciativas pedagógicas feministas de queremos destacar.

Material e Métodos

Há algum tempo vêm surgindo estudos e pesquisas nomeados como Pedagogia Feminista em universidades estadunidenses que dão uma atenção e apoio aos temas feministas e gênero na educação, mas esses estudos acontecem somente no ensino superior, até o momento (LANGNOR e LISBOA, 2016). Na perspectiva de Sanderbeg (2006, p.46), podemos compreender a pedagogia feminista como:

O conjunto de conceitos e ações que visa conscientizar pessoas, tanto homens como mulheres, do sistema patriarcal vigente em nossa sociedade, dando – lhes suporte, ferramentas para combater, vencer as desigualdades e assim, terem condições de construir a equidade entre os sexos, sua própria autonomia.

Segundo Maria Dulce Silva (2005), os métodos pedagógicos voltados para o trabalho com mulheres têm origem nos grupos de autoconsciência, ou de conscientização, e ações feminista, surgidos nos Estados Unidos em meados da década de 1960, que sedimentaram a retomada do movimento feminista. No Brasil, os primeiros grupos de reflexão feminista surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo no início do ano de 1970, caracterizando-se então como grupos de mulheres intelectualizadas, que se reuniam para reflexão conjunta sobre textos produzidos por feminista no exterior.



O conceito de uma pedagogia feminista surge com uma preocupação especial das relações de desigualdade de poder no ensino superior, as preocupações primordialmente dessas feministas eram que as mulheres tivessem oportunidades de estudos, que a contratação de professoras universitárias fosse na mesma proporção de professores homens, sem que houvesse alguma relação com os demais níveis da educação, ou uma reivindicação para o campo da educação, como nos mostra Thomas Tadeu da Silva:

A pedagogia feminista preocupou-se, sobretudo, em desenvolver formas de ensino que refletissem os valores feministas e que pudesse formar um contraponto às práticas pedagógicas tradicionais, que eram consideradas como expressão de valores masculinos e patriarcais (SILVA, 2005, p. 96).

Refletir sobre uma possível pedagogia feminista é analisar a relação entre educação e movimentos sociais, e em métodos e técnicas de construção com uma visão pedagógica, conteúdos, objetivos, metodologia e estratégias educativas específicas e diferenciadas, realizados através de diferentes mecanismos como oficinas, rodas de diálogo, debates, grupos de reflexão, seminários e processos coletivos. Assim, a pedagogia feminista se aproxima da educação popular como concepção educacional independente e libertadora, na medida em que possui um trabalho educativo vinculado à ação política das mulheres. (PINTO e MONTENEGRO, 2016).

A pedagogia feminista foi planejada para ser um novo modelo pedagógico, construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no ambiente de escola. Criou-se um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem solucionar a problemática das relações hierárquicas contidas nas salas de aula tradicionais. A voz da professora ou do professor, que em uma sala de aula tradicional é fonte de autoridade e transmissora única do conhecimento, onde em uma sala feminista essa voz passa a ser substituída por múltiplas vozes, ou melhor, é substituída pelo diálogo, no qual todos (as) são igualmente falantes e ouvintes, todos são capazes de expressar seus saberes e transmitir conhecimentos através de suas experiências de vida. Como argumenta Louro (), em uma sala feminista há a expectativa de que a competição ceda lugar à cooperação, levando a uma produção de conhecimento coletiva, colaborativa,



apoiada na experiência de todas e de todos. Onde teremos como resultado final pessoas "conscientes", prontos para trabalhar a "libertação", ou a "transformação" dos sujeitos e da sociedade.

Resultados e Discussão

Neste tópico, elencamos algumas iniciativas que se prestam como exemplos de Pedagogias Feministas em nosso país.

1- Universidade Livre feminista

A Universidade Feminista constitui-se como um espaço plural de reflexão crítica, de intercâmbio de conhecimentos onde se conjugam vários campos do saber: acadêmico e de experiências adquiridas ao longo da vida, num contexto de problematização dos grandes temas da atualidade, segundo uma perspectiva de gênero.

A Universidade Feminista não é concorrente das formações superiores especializadas em Estudos das Mulheres, Feminismos ou Estudos de Gênero, mas pretende ser um espaço complementar de permuta de experiências e conhecimentos, acessível a qualquer pessoa interessada nas suas temáticas.

A iniciativa de criar a Universidade Livre Feminista surgiu ao se perceber que várias organizações e movimentos feministas se esforçavam para criar e manter programas de formação e atividades educativas, mas enfrentavam dificuldades para sustentar tais projetos.

Os debates em torno da ideia de criar uma Universidade Livre Feminista iniciaram em 2009, envolvendo várias entidades feministas. Apesar dos poucos recursos, todas consideraram importante a proposta e concordaram em levar adiante o projeto, coordenado pelo CFEMEA. Em 2010 foi lançado o primeiro curso da Universidade Livre, cujos objetivos eram:

- Conhecer os percursos das teorias feministas, as diversas correntes e tipos de feminismo no mundo.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



- Criar um espaço de intercâmbio de conhecimentos na área do feminismo, abordando de forma transversais vários campos de saber, ligando academia, ativismo e experiências adquiridas ao longo da vida.
- Permitir reflexão crítica feminista sobre os grandes problemas da atualidade, na ligação entre o político e o pessoal.

2- Escola de desprincesamento

Essa iniciativa surgiu para se contrapor a duas “Escolas de Princesa” criadas em São Paulo e Uberlândia pela psicopedagoga Nathalia de Mesquita, que ofertava um curso tradicional para ensinar meninas de 4 ano aos 15 anos a se portarem como princesas. O currículo ensina desde valores de uma princesa até regras de etiquetas, culinária e organizar uma casa.

A escola foi taxada por movimentos feministas como um retrocesso na figura da mulher moderna. A escola vai contra toda a luta feminina para conquistar mais igualdade. Apesar de toda a procura que a instituição tem recebido, a escola tem sido alvo de muitas críticas. "A cultura das princesas também mostra para as crianças que existem tarefas diferentes de meninas e meninos, o rosa e o azul, a boneca e o carrinho, a princesa e o super-herói. Mais uma vez vamos mostrar que homens e mulheres devem ser tratados de forma diferente e que os direitos e deveres não são igualitários! É um total retrocesso", afirma Quézia Bombonato, diretora da Associação Brasileira de Psicopedagogia.

A jornalista Mariana Desimone e a filósofa e pedagoga Larissa Gandolfo importaram do Chile uma oficina que foi criada em Iquique pelo Escritório de Proteção aos Direitos da Infância, adaptando – o à realidade brasileira, já anuncia o prefixo, se propõe a ser o antídoto: o curso de "desprincesamento".

O projeto de Mariana e Larissa é inspirado na "Escola de desprincesamento". Quinze meninas, de 9 a 15 anos, terão aulas de feminismo e autodefesa, além de workshops sobre auto-imagem e combate ao assédio. No último dia do curso, os pais poderão participar das atividades. "A ideia é dar



continuidade aos temas trabalhados na oficina na casa dessas meninas", explica Mariana.

Em 2013, Michele Escoura, antropóloga da Universidade de São Paulo (USP), analisou a influência que as princesas têm na vida de 200 crianças, de escolas públicas e privadas, do interior do Estado de São Paulo.

A pesquisa revelou que tanto meninas quanto meninos acreditam que princesas só poderão receber esse status se tiverem cabelos lisos, forem ricas, bonitas e se esperarem por um príncipe encantado. A antropóloga concluiu, por fim, que as princesas da Disney reforçam divisões de gêneros.

"As princesas carregam consigo um conteúdo que funciona como uma restrição à ideia do que é ser mulher. É necessário garantir que a formação das crianças tenha também outros tipos de referenciais. A diversidade existe, e as crianças devem saber que não há apenas uma maneira de serem felizes bonitas e aceitas", defende Michele.

Na visão de Heloísa Buraque de Almeida, antropóloga da USP, reforçar a feminilidade das meninas são um retrocesso na luta dos direitos das mulheres e um reforço das desigualdades de gênero. "Os meninos também deveriam saber costurar e cozinhar", diz Heloísa.

Para ela, a "Oficina de desprincesamento" funciona como um mecanismo de resistência em um país onde a violência contra a mulher é tão presente.

3- Escola Feminista: uma experiência de pedagogia feminista rural no nordeste do Brasil.

As mulheres do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE) ao amadureceram a ideia das práticas pedagógicas feministas rurais e construíram a Escola Feminista. Excluídas historicamente por múltiplas opressões, as mulheres rurais nordestinas acreditam na formação feminista e na multiplicação dos conhecimentos como estratégias valiosas para a participação efetiva na sociedade brasileira e também para transformação dessa mesma sociedade e reafirmação do protagonismo das trabalhadoras rurais nordestinas. A partir de uma



diversidade de saberes e de identidades, com o protagonismo de agricultoras, assentadas, quilombolas, indígenas, pescadoras, quebradeiras de coco e artesãs, as atividades de formação políticas das feministas rurais, planejadas e desenvolvidas por elas mesmas, tem criado um ambiente seguro, onde é possível refletir sobre as dificuldades e opressões que as mulheres enfrentam no seu cotidiano. Essa reflexão compartilhada tem possibilitado o fortalecimento e a autonomia das mulheres sobre suas próprias vidas, transformando as relações nas famílias, na comunidade e nos vários espaços que elas vêm ocupando.

4- SOS Corpo- Instituto Feminista Para Democracia

O SOS CORPO - instituto Feminista para a Democracia é uma organização da sociedade civil, autônoma, sem fins lucrativos, fundada em 1981, com sede na cidade do Recife - Pernambuco, na região Nordeste do Brasil. Visando a emancipação das mulheres, propõe-se a contribuir para a construção de uma sociedade democrática e igualitária com justiça socioambiental.

A ação do SOS CORPO tem como fundamento a ideia de que os movimentos de mulheres, como movimentos sociais organizados que lutam pela transformação social, são sujeitos políticos que provocam mudanças nas condições de vida das mulheres em geral. Para alimentar o fogo das revoluções necessárias, SOS Corpo promove mini-curso e conferência aberta ao público com Claudia Korol, educadora popular argentina sobre experiências em formação feminista e desafios atuais para o movimento de mulheres na América Latina.

A atual coordenadora da equipe de educação popular da Universidade Popular Mães da Praça de Maio, a argentina Claudia Korol, viveu de perto a realidade das ditaduras na América Latina. Na década de 80, como militante estudantil, participou das brigadas juvenis de solidariedade com a Nicarágua e Chile. Militante, ativista e feminista, ela é educadora popular e membra da organização [Pañuelos en Rebeldía](#), coletivo que trabalha com formação a partir da pedagogia feminista, decolonial e anticapitalista.



No site da instituição está expresso que, a educação feminista alimenta-se dos princípios pedagógicos fundantes da educação popular freireana, dentre os quais se destaca a dialogicidade e o vínculo entre educação e transformação social; mas também a recria, na medida em que traz para o centro de sua pedagogia a idéia de movimento feminista como sujeito político, bem como a dimensão da subjetividade como elemento central na construção da identidade pessoal e coletiva. Tal ação educativa é a base da intervenção social da instituição que é compreendida como um meio de transformação social. “A educação está voltada para a cidadania como construção permanente, através de processos pedagógicos sistemáticos que contêm oficinas, cursos, seminários, mas também acompanhamento (assessoria) de ações e processos desencadeados pelos grupos e movimentos” (SOS CORPO, 2018).

Considerações Finais

Segundo Louro em seu livro *Gênero, sexualidade e educação: pensar a pedagogia feminista* é pensar a relação entre educação e movimentos sociais, e em processos de formação com concepção pedagógica, conteúdos, objetivos, metodologia e estratégias educativas específicas e diferenciadas, realizados através de diferentes mecanismos como oficinas, rodas de diálogo, debates, grupos de reflexão, seminários e processos coletivos. Assim, a pedagogia feminista se aproxima da educação popular como concepção educacional emancipatória e libertadora, na medida em que possui um trabalho educativo vinculado à ação política das mulheres.

A realização da pesquisa foi muito importante como um elemento de formação dentro do curso de Pedagogia, pois oportunizou o conhecimento desse viés pedagógico que não faz parte do currículo. O trabalho de iniciação científica, além de ampliar os horizontes sobre perspectivas pedagógicas, trouxe uma possibilidade de diálogo, dentro da nossa instituição, que serviu para desfazer preconceitos associados ao termo feminista que, apesar de toda a luta dos movimentos das



mulheres e para a equidade de gênero, ainda encontra muitas resistências em nosso meio e é cercado de conotações negativas. Para terminar, colocamos as palavras de Spender (1980, p.66) que bem expressam nosso aprendizado:

“Um olhar feminista sobre a educação”, discute a pluralidade presente no campo dos estudos de gênero, os principais embates, as vertentes teóricas e as diferentes práticas pedagógicas feministas.

Agradecimentos

Agradecemos aos Programas de Iniciação Científica e Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP/UEG) da Universidade Estadual de Goiás, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás-FAPEG e ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações-CNPq.

Referências

ARAÚJO, Gabriela Monteiro; SANTANA, Maria Verônica. **A Escola Feminista: Uma Experiência de Pedagogia Feminista Rural No Nordeste Do Brasil**. In: ANAIS do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017. Disponível em <www.editorarealize.com.br/revistas/enlaçando/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA33_ID1478_13082017185906.pdf> Acesso em: 14 de julho de 2018.

CRESCER. **Escola de princesa chega a São Paulo e gera polêmica**. 2016. {online}. Disponível em <<https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2016/10/escola-de-princesas-chega-sao-paulo-e-gera-polemica.html>> Acesso em: 06 de julho de 2018.

LAGNOR, Carolina e LISBOA, Sousa. Da pedagogia feminista aos estudos de gênero: desdobramentos das teorizações feministas para a educação. In: **ANAIS** da AMPED, Curitiba 2016. Disponível na internet via http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo18_CAROLINA-LANGNOR-E-SOUSA-LISBOA.pdf. Arquivo capturado em 3 de maio de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do “gênero” In: LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 14-36.



PINTO, Suênia; MONTENEGRO, Sandra. **Pedagogia Feminista**: o caso do programa de formação sociopolítica “Cidadania e Direitos das Mulheres”. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SARDENBERG, Cecília. Pedagogias Feministas: uma introdução. In: VANIN, Iole e GONÇALVES, Terezinha (org). **Caderno Gênero e Trabalho**, São Paulo: REDOR. 2006. p.44-57.

SILVA, Maria Dulce. **Pedagogia Feminista**: Uma Abordagem Preliminar. 2005. [slides on line] Disponível em:
<https://ecosolfeministafbes.files.wordpress.com/2015/07/pedagogias-feministas.pptx>.
Acesso em: 01 de maio de 2018.

SILVA, Tomas Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo.-3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOS Corpo. **Semeando Pedagogia e Resistência Feminista**.{online}.Disponível em< <http://soscorpo.org/caleidoscopio-pedagogia-feminista-2018/>> Acesso em: 14 de julho de 2018.

SPENDER, D. **Aprendendo e perdendo**. Buenos Aires: Paidós, 1993.

Universidade feminista.{online}.Disponível em:< <https://feminismo.org.br/>> Acesso em: 06 de julho de 2018.